



POESIA ENGAJADA COM ALGUMA COISA





POESIA ENGAJADA COM ALGUMA COISA

Seraphim Pietroforte

(2018)



P626

Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
Fazer poesia engajada / Antonio Vicente Seraphim
Pietroforte – São Paulo: Córrego, 2018. Série
Polifemo.

38 p.; 14 × 21 cm

ISBN 978-85-7039-008-0

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim. II. Título.

CDD B869.1

capa Lilli Ferreira e Gabriel Kolyaniak

Editora Córrego
Rua Araújo, 355 31
República São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br



FAZER POESIA ENGAJADA

Seraphim Pietroforte

Quando quero sensibilizar os leitores para a poesia brasileira contemporânea, via de regra começo pelos desdobramentos, na arte brasileira, destas três escolas literárias: o neorrealismo, o surrealismo e o experimentalismo. A escolha não é arbitrária; não é difícil observar estes três procedimentos em vários poetas contemporâneos: (1) a insistência em temas sociais e políticos, derivados do materialismo histórico; (2) delírios figurativos, próximos da livre associação de ideias; (3) renovação das vanguardas em poesias visuais, sonoras, performáticas. Também não é arbitrária a ordem em que estão expostas; a vocação política vem em primeiro lugar, a surreal, em segundo e, por último, as reflexões sobre a semiótica da arte.

Essa presença de temas sociais dá voz ao que se costuma chamar poesia engajada; talvez por motivos históricos, esse tipo de poesia ecoa em voz alta na América. Devido à inspiração neorrealista – por isso mesmo, inspiração marxista –, nessa escola literária o sentido do verbo “engajar”, cuja transitividade indireta “engajar com” encaminha seu complemento, termina sempre por ser poesia engajada com as políticas de esquerda e, em seus aspectos menos nobres, com as agendas de alguns partidos políticos. Não me oponho a isso, a ser de esquerda, nem que se escolham partidos, mas creio que a poesia está destinada sempre a se engajar com alguma coisa e que essa coisa não precisa ser necessariamente alguma prescrição da esquerda para ser revolucionária. No Brasil, entretanto, a regra tende à programação monológica do engajamento; isso gera uma contradição: não pode ser revolucionária uma agenda que se coloca contra a revolução permanente. Em termos linguísticos, desfazer a contradição, via práxis literária, pode ser justamente devolver ao verbo reflexivo “engajar-se” a polissemia de seus complementos, libertando, antes de tudo, a preposição “com”.



Nessa libertação da palavra, eu encontrei os meus engajamentos com: (1) a via do conhecimento por meio de e através dos livros, contrária à falsa cultura das pingas e dos botecos; (2) minha sexualidade BDSM e seu reconhecimento enquanto minoria sexual, por isso mesmo, vítima de numerosos preconceitos, inclusive por parte de outras minorias desavisadas; (3) a deliciosa obsessão com a podolatria; (4) a legalização das drogas; (5) meu passado marrano, de judeu forçado a se tornar católico, por isso mesmo condenado a sequer reconhecer suas tradições, deformadas pelos antissemitas; (6) a poesia maximalista – termo introduzido por Flo Menezes, que consiste na elaboração de múltiplas referencialidades –, levada adiante por mim e pelos amigos leais Rodrigo Bravo, Matheus Bueno, Maria Vitoria, Rogerio Brugnera e Silvio Moreira; (7) meu presente pagão, expresso na fumaça da erva, que trago na mente, na ternura da minha família de gatos e gatas quando descansam no Caos, no abraço de Durga, minha desconhecida.



POESIA ENGAJADA COM ALGUMA COISA



ODE À BIBLIOTECA

estou entre meus livros
daqui posso ver o Cristo, imerso em urina
como se fosse em âmbar
daqui, verifico a história da família
e da propriedade privada

cogitar ser escritor e ser subversivo
trazer os livros escondidos
nas dobras do casaco
como se já fossem drogas
vício, leva-me às Letras
leva-me disso
a letra A em meu nome

estou entre meus livros
alguém lá fora gagueja:
– o verdadeiro escritor está aqui
fica longe das bibliotecas
cheias de traças...

em minha biblioteca não há traças
minha biblioteca não é catacumba
em que me recolho
para evitar o Sol do meu Brasil tropical
e os compatriotas



minha biblioteca confunde-se com minha casa
os livros estão por todos os cômodos
nela, ouço as músicas que quero ouvir,
fumo quanta maconha eu quiser,
bebo garrafas de vinho,
mando carreiras de coca corrosivas...

estou em minha biblioteca
daqui posso ver Mara caminhando descalça
vinda do Palácio Branco
Paulette, perdida na América Latina
em suas ruas, farol de Alexandria
cenário para meu sexo SM
cercado das cordas e dos ritos
adoro foder cercado por livros,
assim como todas as namoradas que tive...

não há boteco que se compare à minha biblioteca



ESTATÍSTICA

alguns por cento de nós
somos da urdidura das cordas
da mamona e do cardo
só espinho e seu gosto de sal, sua forma
de arpão, seus furos nas pontas dos dedos
nas plantas, o céu da boca curvo, túnel
da voz e desse grito urro
de alguns por cento

alguns por cento de nós
e o teatro da dominação toma toda praça
em que minha musa passeia
descalça, na sala de estar, os ganchos
e as argolas descem na vertical
parece chuva, são suas lágrimas
parece choro, mas é puro gozo, como Jesus
varado de espinhos, como Santa Ágata
em sua bandeja de prata, seus seios são doces
espelho da corrosão, trilha
da iluminação sagrada do septo nasal
lanço meu sopro em chamas
empalo meus inimigos – arpão e vespa
parece que dói e dói muito



alguns por cento de nós
aqui ninguém se mata, se amarra
na poesia suspensa, a liberdade é metro
são metros e metros de cordas
acorda da viagem desmaio dessa falta de ar
dessa falta de fôlego
dessa falta de foda-se
passa e foda-se, se você não gosta
de se enforcar na asfixia erótica
na hemorragia, vazante de cada corte
do canivete sobre as suas costas
das listras de zebra, traço do vergalho,
do membro duro dos centauros feito
Flora o que comiam os centauros
além dos cogumelos

alguns por cento de nós e meu poema suspenso
poema feito com a minha noiva, a noiva do monstro
feita em pedaços, assuste-se à vontade com isso
inspiração do pó, do ser em si, em cada grão de açúcar
intervalos de trítono, em cada forma lógica
tapas de fumo, em cada palma da mão
um pedaço da noiva, cortado com chicote
traçado com grafite, coberta de látex
antes de mergulhar no rio, em seu colar de cimento
envolta em arame farpado, espera pelos dentes dos gatos
da linguagem áspera de todo felino, antes de concordar
com tudo isso, na hora de acordar
acorda para muitos metros de corda
alguns por cento de nós e estou em minha nave
meu navio mira o seu olho, canhão, bomba
desses neurônios, quase ninguém segura essa vaga,
essa contra bossa dos boçais tocando violão
berço dos suaves, esse coral de merda



alguns por cento de nós e estou em meu tanque de guerra
o futuro sou eu e minha noiva em meu tanque de guerra
invoco Flora, escapa do canhão essa fumaça-nuvem
invoco Bastet, a ternura em minha pergunta até quanto
ir nisso tudo com tanta fúria, minha noiva-Fúria
Erínia dos cabelos negros encaracolados na cuca e na boceta
sua pele lembra creme de amêndoa, baunilha dispersa na brisa
e no ventilador-turbina, bobina de Tesla acesa
em minha mente insana, alguns por cento de nós

sou Durga, em meu abraço de cordas
simulação dos braços desse encontro cáustico
entre a ética e a metafísica
harpa de alguns por cento de nós
farpa para colocar por trás da tua sombra
e como estou farto de tudo
lira de Medusa
lírica em sua vingança de pedra
cítara de Durga, sobre seu tigre listrado
riscado de vermelho e rubro, corte
palavra que machuca
de alguns por cento de nós



A SEMIÓTICA DA PODOLATRIA RUSSA

Stalker, conheço Moscou desde baixo
à rés do chão, conheço suas ruas
pelas ruas da Rússia, vias
das modelos russas quando andam
descalças em minha pele de urso

e nessa montanha-russa, diante da tela
sou videodromizado por numerosas pernas
em todos os sentidos, todas em vão
conheço Moscou desde baixo
e do que fica da rua nas modelos russas

rememorar todas elas, em seus passeios
estrelas, trago tatuadas nos ombros e joelhos
acordo com minha verve, em função do vício
e da tele visão das modelos russas descalças
mudas sob suas nuvens cinzas

centurião diante do computador
são centenas delas pelas direções do espaço tempo
gravidade apta para me curvar ao solo
diálogo entre cada uma e sua porção de terra
crise com a metafísica

uma delas me diz, sou Perséfone
venho de pisar descalça muitas frutas
vinho que se estende sobre o asfalto cinza
escorre pelas calhas, chuva
imersa nessa lama, em posição, sou lótus



viagem ao centro da terra
embarco nessa nave com milhões de trilhos
as cigarras e os grilos, ninguém consegue
desviar a vista, sou Medusa
a poeira da rua nos meus pés brilha como diamante

outra delas me diz, sou Fúria
ave de rapina, envolta nos anéis
desço descalça dos transportes públicos
subo por escadarias entre os esqueletos
as construções em ruínas

mesmo assim, quem imaginaria?
imagino subir pelo projeto de Vladimir Tatlin
envolvida com a terceira internacional
a cadelinha Laika explode
a céu aberto, dínamo escarlate e noite branca

mais uma diz, me siga fixado nos pés
nesse sítio, o que ofereceremos
realização do desejo ou só neurose
lugar onde caiu a pedra, vinda de outras esferas
segundo o filme de Tarkovsky

Hari também caminha descalça pela espaçonave
se é só ilusão, isso pouco importa
conhecer Moscou desde baixo
seguir por tantos rastros, admirar o mar
durante tantas noites



EM JERUSALÉM NO ANO QUE VEM

em Jerusalém, no ano que vem
estou com meu amigo Matheus
estico uma carreira sobre o Livro
no ano que vem

no ano que vem, em Jerusalém,
enquanto alguém desarma uma bomba
cogito o rabino tocando guitarra
diante da sinagoga, música para meus ouvidos
John Zorn entoa seus salmos no sax
no ano que vem

em Jerusalém, no ano que vem
estou com meu amigo Matheus
estico uma carreira sobre a Sura da Aranha
em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

no ano que vem, em Jerusalém,
enquanto alguma moça toca bateria descalça
procuro pela rede elétrica os sinais de Sirius
diante do Muro, outra moça passeia de minissaia
de mãos dadas com a namorada
no ano que vem

em Jerusalém, no ano que vem
estou com meu amigo Matheus
estico uma carreira sobre o Evangelho segundo João
o Verbo discorre diante desse espelho
página do Livro



no ano que vem, em Jerusalém, sinto esse perfume de erva
nos bairros, das janelas abertas, incenso,
sarça ardente presa entre o céu da boca e a língua
diante dos ouvidos, escapa pela chaminé
da locomotiva monstro, taturana de milhões de pernas
no ano que vem

em Jerusalém, no ano que vem
estou com meu amigo Matheus
estico uma carreira sobre o Êxodo
dez gramas sobre o Egito, decifra-me
ou devoro todas essas bombas

no ano que vem, em Jerusalém, e reler
com meu amigo Matheus, as imprecações de Jó
encontro o Nome no meio da poeira
Kether, Sua coroa de ouro,
o infinito perde-se no número Pi, na raiz quadrada de 2
em Eva e seu delta de Vênus

em Jerusalém, no ano que vem
estou com meu amigo Matheus
estico uma carreira sobre o livro de Enoch
escrevo Aleph, instantes antes de virar o Golem
feito das folhas de cannabis e de cardamomo
descubro a mulher de Lot com os seios brancos
estátua de coca corrosiva



em Jerusalém, no ano que vem
estou com meu amigo Matheus
estico uma carreira sobre o Épico de Gilgámesh
visito Hatshepsut, em sua morada de pedra
não restará pedra sobre pedra
o vinho se multiplica na imaginação ativa
a árvore da vida surge desse pico na veia



A MULHER MARAVILHA VISITA O ORIENTE MÉDIO

nenhuma burqa, dessa vez
boceta sobre a Babilônia
sobe pelo Zigurate quando o laço diz
diz a verdade

Medeia, corte-me em pedaços
quero me recompor diante dos relatos
de guerra, nessa avenida colorida
quanto menor os seios
melhor para atirar a lança, o disco quica
nas ondas do mar Mediterrâneo
furo, espaço para afixar as joias

nenhuma reza, dessa vez
pantera do inferno de Dante
quimera, de Belerofonte
Tiamat, deusa do mar

Judite, surja sobre mim como se fosse Lua
passeia descalça pela minha tenda
minha camela verte leite e mel
odres de vinho, espuma do champanhe
poesia suspensa pela minha sala
entre tantos livros
metros de corda para te amarrar



nenhuma pedra, caída a céu aberto
dessa vez nenhum radar nos capta
ninguém nos vê nessa nave
comigo, nada é vanidade

Kali, desce sobre minha cabeça
repousa no meu ombro esquerdo, aranha
símbolo do cosmos, projeto do astronauta antigo
para a criação do homem
se transforma em nave
ave Kali, estou nesse colar,
envolve-me nos tornozelos seus

nenhuma virgem, coberta de cinza
dessa vez, perfume de erva fina
marijuana no interior do Templo
golpe em sua glote



HELENA DE TRÓIA ENCONTRA-SE COM RON ATHEY NO BERÇO DE JUDAS

ela disse-me assim: está na hora
encontro contigo em qualquer museu
no Prado, no Louvre
no Pavilhão da Bienal, em São Paulo
esteja atento a tudo que isso significa
sob as palavras, o campo magnético da Terra
a ponte que desce dessa fortaleza
sob o rio com seus crocodilos
epifania de Sobek, nesse viveiro
percebe o voo da próxima nave
fico na próxima estação
em Lemúria ou Eldorado
longe dos confusos
minha performance consiste
em passear descalça pelas galerias
repara como todos olham para baixo
quando eu passo
isso sim é sinal de respeito
enquanto, em seu repasto
tudo é denuncia, apesar das nuvens
todo esse fumo esconde sobre tua cabeça
escriba a corroer a mente na poeira dos livros
tonto de tinta, nesse zigurate, pirâmide,
o cu de Ron Athey é o olho de deus
aquele que acabou de piscar, ao teu encontro
te encanta esse cu? centro do mundo, falante



Ron Athey está em todos os cantos
em todos os museus, seu sofrimento
não o sofrimento de Cristo, o condenado
deus dos cardíacos e dos poetas castos
que corrompem o povo
te assusta esse anel? no lugar do olho de deus
brilho da esmeralda, qual testa de Satan, verde
brilho do plasma da bobina de Tesla, cor da rosa
glande coroada de piercings, furos
em várias partes do corpo, o prazer e a dor
arte da tortura, no corpo mapa
marca e sou senhora das agulhas
nesse traçado ilógico, por isso mesmo
mágico, filosofia oculta dos crentes e dos evangélicos
conhece a bomba biológica, aquela que vaga
em seu sangue de poeta tóxico
filho dos paradoxos entre a ética e a metafísica
suspensão no teto será lâmpada,
vela, lampião de gás
Ron Athey é epifania de Lúcifer
Samael queda em todo pensamento
toda palavra de luta
imagem da concepção e dos sete sentidos
mira a concentração de fumaça sobre minha cabeça
dose de vinho que faltava para encher o jarro
jorro da loucura entre a glote e o reto
o anel dos lábios e do ano que vem
em sua direção sou a máquina do tempo
a máquina do mundo, máquina de escrever



quando almoço nua, em vossa companhia
presa nessa mesma rede em que me deito
agora em órbita do planeta vermelho
diante do mar, vitória da música
sobre o amor nada tenho a declarar
escuta esse ruído branco, signo do caos
série que não se capta com facilidade
não uma canção vulgar do rádio
não levo a vida a cantar
sou antes de tudo corda, vibro
venho do mar antes de todos vocês
nanquim, para escrever abaixo a ditadura
na armadura dos escafandristas
escrever na areia com os dedos dos pés
poemas feitos para Flora
vivo chapada desde a Babilônia



EPIFANIA DA LUA NAS MOÇAS DE RUA DA CIDADE DE SÃO PAULO

epifania da Lua nas moças de rua
do centro da cidade, minha visada
vai em sua direção, para ser exato
observo os pés descalços
sobre os paralelepípedos,
fuga das bitucas e dos cacos de vidro
permita que esse brilho brasa
e a difração da luz em tantos prismas
permaneçam luz na mente corrosiva
foco, canhão de luz antes do strip-tease
estou diante de Durga novamente

conferência sobre lírica e sociedade
– algo de hinduísmo nisso
ao som de um trompete
repito o que me dita a dádiva
imaginar os frutos desses pés
nas árvores e suas sombras nos dias quentes
quando germinam, estou diante de Flora
fumo meu peso em Marijuana –
medito em posição de sentido
diante da sociedade e da máquina de escrever
o deleite, o teclado e os tiros de coca



a tarde cai atrás dos edifícios
e nessa frase tão tranquila e
ao mesmo tempo heroica, a surpresa
seria por que tanta fixação nisso?
nessa interação arriscada das plantas
daqueles pés a rés do chão
tão longe do centro terra
desvio das minhas ideias mais elaboradas
o cérebro em função dessa levada
vou nessa trilha, passo bom de olhar
busca que não para



ODE À CORROSÃO DA MENTE

Senhor
me leve desse pó
me leve dessa carta
me leve dessa casa
das canecas de café
dos seis cigarros por dia

Senhor
me leve desse pó
do trânsito dos túneis
que vai se acumular ali
do transe dos poetas putos
que já se derrama
me leve desse pó e desse papel

Senhor
me leve desse pó
dessa poeira que insiste nos livros
dessas manias de arrumar os livros
de ler um pouco por dia todo dia
me leve desses livros, Senhor
para não dar a pala nos debates
para não surgir nos núcleos das políticas
na assembleia que parece inferno



Senhor
me leve desse pó
do secretário geral do partido
do inspetor de bairro
me leve da dialética
da obra de arte que não pode ser tecnicamente reproduzida
da resistência da lírica às engrenagens da máquina do capitalismo

Senhor
me leve desse pó
me leve do oculto
me leve do pajé e do padre
do poeta bruxo, que já viu fantasma
do poeta UFO, que já viu um alien
da regressão das castas e dos sacerdotes
me leve da revolta contra o mundo moderno
da metafísica do sexo
do reino da quantidade e dos sinais dos tempos
me leve do poeta monge
do poeta transe
me leve das vísceras
da ditadura de ferro dos libertários e dos anarquistas
me leve desse pó



Senhor

o filósofo ainda crê no abismo
no continente perdido antes da Terra se partir em cinco continentes
antes do macaco se manifestar em homem
da cigana se manifestar descalça
dos latinos nos manifestarmos tantos
bem antes dos negros germinarem muitos
me leve de Nietzsche, Senhor
e de outros nazistas

porque o chumbo não decai no ouro
porque a prata é rara para quem não dorme
me leve desse mal, Senhor
me leve desse salmo
me leve do mar e do que vem do mar
me leve da areia, que é um tipo de pó
da espuma, que é um tipo de monstro
me leve dos monstros do mar e de suas ondas
do recife de coral intacto
me leve da boca aberta das baleias
da medusa, em seu abraço de fogo
do arpão pontiagudo
do tapete de plâncton submerso



MATERIALISMO HISTÓRICO

no muro, alguém desenha o tanque de guerra e escreve
ordem e progresso é coisa de fascista
diante do muro e do tanque
recordo o estudante chinês, quem desafia a máquina
epifania da luta, sou por meio do desenho, a arma
estou blindado por dentro da composição
vou à luta com meu companheiro de muro
diante do Museu da Revolução em Havana, Cuba
outro tanque de guerra é ao mesmo tempo estátua
epifania de Durga, trator, memória
monumento dedicado à artilharia pesada
quando vejo a esquadrilha dos insetos verdes, medito
quantas bombas precisarei fumar, antes que tudo acabe
epifania de Flora, trilha de coca pelo cume calvo
trilho da locomotiva de guerra da revolução cubana
minha face significa morte, caveira símbolo do México
no filme do cinegrafista da revolução russa
minha amiga Gata passeia descalça
e porta uma metralhadora

POESIA ENGAJADA EM TEMPOS DE MAXIMALISMO

Rodrigo Bravo

É inegável o poder expressivo da arte poética. Aspectos fundamentais da vida humana que, se descritos por meio dos termos da também eficaz porquanto totalitária linguagem referencial (a famigerada “língua cotidiana”), precisariam de infinitas páginas para sequer se esboçarem, podem ser encerrados e manifestos com muito mais intensidade pelos tercetos e quartetos de um soneto, ou pelas dezesseite sílabas bem regradas de um *haikai*, por exemplo. O que se diz em poesia, contrariamente ao senso comum, não é mera reorganização da realidade, mas profundo enriquecimento desta; em alemão, como nos diria Flusser, poeta é “engrossador” (*dichter*); já em latim, quem produz arte, quando não *inventor*, inaugurador de uma forma poética, é seu “aumentador” (*auctor*). Consciente de que o real é a soma dos discursos que o constituem, a suma de uma incapturável conversação sobre e que produz o mundo, o poeta se reconhece como aquele que, no expor-se ao leitor, acrescenta-lhe sua perspectiva única de significação e percepção dos fenômenos. Poesia, portanto, assim como toda forma de arte, é exercício que demanda não somente cuidado técnico em sua execução, mas também cuidado ético: antes de pre- ou indispor-se em relação a qualquer trabalho criativo, devem leitor e crítica abrir-se à compreensão de que cada obra representa, antes de tudo, a fundação de uma nova lógica e de uma nova racionalidade, ao mesmo tempo irreduzível às e em diálogo com as lógicas que rearticula no eterno jogo da construção do real.

Há pensadores – emprega-se o termo em sentido amplo – que optam por enviesar a poesia e as artes a partir de outra perspectiva, cuja boa intenção mesclada à imaturidade se reconhece. Também conscientes de seu poder expressivo, submetem-na, muitas vezes sem sabê-lo, a programas outros que sua tarefa primeira (isto é, a criação do real e de leituras do mundo); não o fazem, porém, reconhecendo a especificidade e a individualidade de seus projetos estéticos diante dos demais, com que dividem quinhão igual de pertinência e validade em relação ao todo; creem – sim, é questão de *fides* – que os critérios que estabeleceram para a produção artística não são uma dentre muitas possibilidades criativas, mas que devem estes ser inscritos como axio-



mas fundamentais de toda arte. Apesar de seu inegável engenho, as vanguardas Modernas são curiosos exemplares dessa sorte de mentalidade: após a paradoxal institucionalização de seus preceitos (consequência talvez do envelhecimento de seus proponentes), popularizaram-se nas bocas de artistas, críticos e entusiastas das artes fórmulas como “tal poema / autor / termo / tema é anacrônico”, “por que escreve assim se o romance / soneto / verso / épico / epigrama já foi superado pelo surrealismo / concretismo/ dadaísmo/ *spoken word*?”, ou, ainda, “está declarada a morte da lírica/ tragédia/ teatro elizabetano/ poesia metrificada!”. Todas essas proposições padecem dos mesmos problemas: não percebem a ficcionalidade e a arbitrariedade de seu objetivo, que confundem, católica e equivocadamente, com o mito do perfar-se final de toda criatividade; essa crença cega, por sua vez, quase sempre desemboca em cismas insuperáveis entre as diversas tradições artísticas, que se fecham para o diálogo em feudos de dogmatismo.

Relacionar as posturas dogmatizantes nas artes poéticas aos feudos medievais não é acidental. Para citar outro exemplo, situado agora na própria Idade das Trevas, os seguidores e herdeiros das doutrinas de Jesus e de Paulo, vendo perfeição absoluta em sua releitura dos preceitos judaicos, passam a valer-se da interpretação da lógica bíblica e dos evangelhos como última medida da própria realidade, a qual instituem de maneira totalizante e de cujos valores requerem observância completa. Nesse sentido, retomando a questão das artes, qualquer obra que contradissesse o dogma cristão é declarada imediatamente herética e incompatível com a própria realidade; seu destino, como o dos corpos dos hereges, é ser expurgada e obliterada pelo fogo do arrependimento (forçado). À poesia que desejasse fazer frente à nova ordem imposta, sintoma do início das revoluções Humanistas da idade Moderna, restavam somente duas opções, uma odissiaca e outra aquiliana: ou ocultava sua crítica com dolo e subterfúgio, como o regicida enrustido John Milton no *Paraíso perdido*, que retrata Deus como monarca intransigente e alienado da complexidade de seus súditos, sem deixar de tratá-lo com o respeito exigido e reconhecer-lhe a majestade, ou a expunha sem pudores ou medo das consequências, como o incompreendido Marquês de Sade nos *120 dias de Sodoma*, em que devassa a moralidade hipócrita das classes dominantes da época (a aristocracia, o clero e a burguesia), denun-



ciando suas corrupções, abusos e desmandos ao manifestá-las por meio das caricaturescas abominações sexuais que narra.

Para além do exemplo das vanguardas, que representariam, nos termos deste ensaio, a dogmatização dos meios de produção artística, a época Moderna (e a Contemporânea, como sua extensão), opondo-se à Medieval, viu a substituição do dogma unitário cristão por aquilo que se chamará, de agora em diante e cômico da contradição patente, pluralismo dogmático. Guiados pelo nihilismo deletério das inúmeras correntes filosóficas pós-Modernas, em que se equacionam descuidadamente verdade e poder e se relativiza de forma absoluta todo e qualquer conceito ou definição, os discursos poéticos que as afirmam excluem a possibilidade de crítica e diálogo com outras lógicas ou sistemas, vendo-as antes como ameaças opressivas a sua legitimidade em vez de seus opostos complementares. Como Jasão e seus Argonautas, que assassinam, ao cair da noite, os que lhes foram, durante o dia, anfitriões e companheiros, têm por inimigo mortal, tragicamente, seus maiores aliados. Se as vanguardas, desse modo, se valem do critério cronológico e da concepção linear da historicidade do fazer poético para dogmatizar, dentro da própria arte, seus meios de produção e atualização, as ideologias políticas, pelo outro, herdeiras da cisão operada pelo Ocidente entre Estado e Religião, concebem para seus aderentes diretrizes conteudísticas e sistemáticas com o objetivo de propagar mais eficazmente sua mensagem. O vigor da verossimilhança e da clareza do estilo da prosa canônica Estadunidense, bem como de sua propensão às narrativas de sucesso e realização individual, nesse sentido, que rege até mesmo o gênero fantástico e a ficção científica, contra o qual o movimento *Beat* se estabeleceu como reação, seria consequência direta e desdobramento dos valores capitalistas e neo-liberais, culminados estes no espúrio Objetivismo esposado por Ayn Rand, que dão base à própria constituição da sociedade americana e do *american way of life*.

Mas não é somente à direita do espectro político que ronda o fantasma do dogmatismo estético. Pondo de lado suas boas intenções e seu acurado senso ético, o credo abraâmico do Cristo de Trier – chamado somente Marxismo pelos que carecem de senso de humor –, tem também sua participação no fenômeno. No contexto sociopolítico latino-americano hodierno, bastante similar ao do início do cristia-




nismo na Antiguidade tardia, os cristãos que, ao mesmo tempo, morrem nas bocas dos leões e nas cruzes de Roma enquanto imperam clandestinos nas catacumbas em que pregam, são os acadêmicos e artistas que, mesmo rechaçados pelo status quo da sociedade capitalista, gozam de autoridade e prestígio nos espaços contemporâneos de produção intelectual e artística. Dado o aspecto igualmente totalizante – suspendendo qualquer juízo de valor, frise-se – da perspectiva materialista histórica concebida pelo marxismo, que também busca fornecer, a seu modo, a solução da equação humana, a arte que se lhe opõe ou, ainda, a que não o ratifica de forma explícita, é tida pelos implacáveis “juizes da arte” como aberrante e descabida, no máximo, ou carente de algo essencial, no mínimo. Essa perspectiva, verificável em inúmeros textos e ensaios de crítica literária, talvez possa ser resumida no incômodo e insistente adágio ouvido com frequência nos círculos culturais: “sua poesia / pintura / prosa / fotografia / dramaturgia é despolitizada”. Cegados pelo que confundem com abrir de olhos e escape à alienação, e talvez desacostumados com os velamentos da arte por conta da questionável “literalização” da arte avançada por Brecht, criticam nesses termos os marxistas a poética dos irmãos Campos e o projeto concretista, por exemplo; desconsideram o engenho e a sensibilidade política de composições como *Luxo/Lixo*, *Viva Vaia* e *CR\$isto* (esta última de Décio Pignatari) somente porque estas requerem de seu leitor o redimensionamento dos paradigmas cotidianos da leitura e da própria linguagem, diferentemente da poesia de seu “santo” Ferreira Gullar, por exemplo, em que bois da Swift e a motocicleta de Che Guevara constroem, crua e apaixonadamente, a paisagem apocalíptica da América Latina. Para os críticos em questão, portanto, tudo aquilo que puder ser considerado empecilho para a aquisição catártica da consciência de classe de um proletariado cuja inteligência gravemente subestima – e é essa sua mística esotérica – diminui o valor e a pertinência da própria obra de arte. Torna-se o engajamento político, nesse contexto, critério absoluto para a produção e para a crítica dos discursos.

Diante desse cenário de pluralidade dogmática, em que critérios acidentais se disfarçam de essenciais na definição do fazer poético, oculta-se seu aspecto mais fundamental, cuja aparente simplicidade quase não permite compreender todos os seus desdobramentos.



Retomando o argumento de Flusser, todo fazer poético e, por consequência, todo ato comunicativo, é igualmente capaz de adensar e enriquecer as perspectivas de concreção da realidade, independentemente de seus objetivos; isso se dá porque, animal simbólico, nos termos de Cassirer, o ser humano é sorte de criatura cuja consciência depende necessariamente da mediação de lógicas e estruturas, em contraposição às reações imediatas e instintivas das demais formas de vida que conhecemos. Por meio da manipulação que opera na materialidade dos meios físicos que elege, pode o humano não somente expressar e interpretar o que vivencia e experimenta, mas também compreender e complementar as vivências e experiências de seus iguais. Antes de qualquer definição parcial que se lhe possa impingir, portanto, o fazer artístico e a própria comunicação humana podem ser concebidos como a transformação consciente e deliberada de elementos materiais (os intervalos entre som e silêncio na música, por exemplo, ou os pigmentos na pintura, ou o próprio corpo na *performance* e no teatro) em sistemas coletivos de significação (as múltiplas mídias com que criamos e lemos o mundo) e produtos simbólicos individuais (as obras e os discursos que perfazem os mundos e suas leituras) cuja manifestação é essencialmente regida pelos primeiros. Adaptando o argumento para a poesia, arte que nos interessa neste ensaio, antes de ser esta, desse modo, o veículo por meio do qual se garantirá a revolução ou qualquer outra trivialidade humana no fluxo da história, ela pode ser concebida como aspecto definidor de nossa própria condição humana; o rearticular infinito da própria linguagem enquanto forma simbólica produtora de realidade, em constante movimento de expansão e complexificação. É consciente desse contexto e a partir desses termos que o poeta maximalista Seraphim Pietroforte, em seu novo livro, *Poesia engajada com alguma coisa*, busca substituir a estética do pluralismo dogmático dos nossos tempos por uma regida pelo pluralismo lógico.

A poética maximalista não deve ser tida ingenuamente por oposição à minimalista. Não se trata de gigantismo ou de estética da opulência, mas da produção artística e intelectual regida por três axiomas fundamentais: (i) a defesa da equivalência da validade e do engenho de toda lógica criativa e de todo tipo de arte (*a isotimia das formas*); (ii) a concepção radical do objetivo primeiro da arte como



rearticulação de códigos, tradições e diálogos culturais na incessante busca de (re)construir e adensar a realidade (*a expansão do sentido*); e (iii) a recusa da vanidade romântica, melhor representada pela busca fracassada pela originalidade e pela definição do fazer artístico como mera expressão das angústias do sujeito burguês tacanho, somada esta à consciência da efemeridade e da insignificância humana diante da perenidade e inexorabilidade das linguagens que regem os parâmetros de sua própria existência (*a corrosão do ego*). Ao deixar-se coordenar por esses critérios, Seraphim Pietroforte aborda a poesia engajada não com a seriedade e sisudez dos que se afiliam a ideologias, mas a partir do irônico distanciamento que as poéticas experimentais possibilitam. Não rechaça o valor da poesia que se engaja, destarte, pois reconhece sua validade e pertinência dentre as múltiplas lógicas poéticas, mas também não se filia a ela cegamente: busca expandir seu sentido e suas possibilidades enunciativas ao abstrair seus critérios gerais de funcionamento e imprimir sobre estes novos temas, figuras e conteúdos. Adiantando a inquietação do leitor, reconhece-se a necessidade de demonstrar em que termos isso ocorre. Para tanto, propõe-se iniciar o argumento pela investigação da natureza do próprio engajamento enquanto ato poético.

Engajar-se não pode ser confundido com os fenômenos ou os eventos que atualiza; afastados todos os significados que a locução pode assumir, é estrutura que pertence, antes de tudo, à lógica da língua portuguesa. De natureza verbal e transitiva, engajar-se pressupõe objeto, o qual marca com a preposição *com*. Engajar-se, portanto, é sempre um engajar-se com algo. Na tradição poética brasileira, no entanto, engajar-se – e seu derivado nominal, engajamento –, adquirem objeto que, embora quase sempre elíptico, manifesta-se com força irrevogável: poesia engajada é, sobretudo, poesia engajada com ideologias políticas, mais precisamente, com ideologias políticas derivadas do progressismo e do pensamento de esquerda em geral. O termo pressupõe, por decorrência lógica, não somente a existência de dois tipos de poética – a que se engaja com a política, digna de prestígio, e a que se engaja com nada, digna de repúdio e desprezo –, mas também a possibilidade absurda de conceber um ato poético hipotético alienado do engajamento com qualquer outra tradição ou preceitos. Ao limitar o engajamento ao conceito Contemporâneo e Ocidental



de política de resistência, os proponentes da poesia engajada cometem equívoco terrível: excluindo outras espécies de engajamento que os poetas assumiram e assumem ao longo da história, creem ser a sua exclusiva, única e definidora para a poesia, quando, na verdade, todo fazer poético já pressupõe, em sua essência, os próprios sistemas (seus arquitextos, nos termos de Gérard Genette) e discursos (seus metatextos e hipertextos) com que se engajam.

Toda poesia e toda arte, portanto, é engajada com alguma coisa. Citam-se alguns exemplos. Os tragediógrafos gregos do século V a.e.c., representados no cânone por Ésquilo, Sófocles e Eurípides, engajam-se com pelo menos dois arquitextos complementares: têm na fortuna mítica da sociedade grega o fio condutor de sua composição, a qual emulam e rearticulam (esse é seu engajamento estético), e utilizam-na com o objetivo de reiterar os valores da sociedade ateniense Clássica e educar os cidadãos da pólis (esse é seu engajamento político e ético). *Mutatis mutandis*, a poesia de André Spire, escritor e ativista judeu do início do século XX, tem por engajamento estético a tradição da poesia e da liturgia judaica, a qual rearticula e contra qual chega, não raro, a até mesmo se indispor com veemência, valendo-se dela para afirmar sua identidade judaica contra o antisemitismo, seu engajamento político. Pedro Xisto, revolucionando a concepção de Guilherme de Almeida para o *haikai*, engaja-se com o gênero japonês com o objetivo de recriá-lo em língua portuguesa; e isso não apaga, de forma alguma, como poderiam criticar os clérigos e noviços da poesia engajada, sua relevância social e política: ao traduzir a lógica do *haikai* para nossa língua e nosso contexto, a poesia de Pedro Xisto revela suas aspirações globalistas e pacifistas; não vê no Oriente o oposto inconciliável do Ocidente que este deve revelar e aclarar, como Ezra Pound ou os próprios Irmãos Campos, mas tece pontes sobre ambos, em defesa da equidade e do diálogo intercultural (valores máximos do progressismo!). A circunscrição limitada e imatura do conceito de engajamento, como se pode ver nesse último exemplo, chega a frustrar até mesmo a identificação e inclusão de lógicas poéticas completamente compatíveis com seus critérios, prejudicando seu desenvolvimento e relegando-as à estagnação.

Reconhecendo, destarte, as infinitas possibilidades de engajamento e sua essencialidade às artes e à poesia, Seraphim Pietroforte



compõe cada poema de *Poesia engajada com alguma coisa* tendo em mente modalidades diversas de engajamento, manifestando-os de acordo com as coerções próprias que estas encaminham. Engajando-se com a proposta de revolução sexual avançada por Wilhelm Reich, por exemplo, em que a liberdade das formas de amar se garante por meio da dissolução do sistema patriarcal, em que o sexo só objetiva a formação do núcleo familiar e circunscreve-se exclusivamente ao gozo masculino, escreve “A semiótica da podolatria russa”, em que tematiza a virtualização da sexualidade e a popularização do fetiche (preconizada no cinema de David Cronenberg) com o advento da Internet e das mídias audiovisuais, e “Helena de Troia encontra-se com Ron Athey no berço de Judas”, em que coloca a injustiçada heroína grega em diálogo sobre opressão e sexualidade com o *performer* Contemporâneo, em sincero tributo à arte LGBTQ+ e feminista, que ainda lutam por espaço e reconhecimento. Engaja-se, ainda, com a tradição da poesia judaica e com a resistência contra o antisemitismo nos poemas “Em Jerusalém no ano que vem”, em que redimensiona o conceito de *tikkun olam* (reparar o mundo por meio do cumprimento da lei judaica) da religião para a política ao descrever um Oriente Médio em paz, nos termos do Socialismo Utópico de Martin Buber, em que todas as tradições culturais semíticas celebram, na cidade santa, a superação de suas desavenças, e “A Mulher Maravilha visita o Oriente Médio”, em que complexifica as dinâmicas sociais e culturais do Estado de Israel, fundindo o cânone da literatura hebraica ao da cultura pop, como crítica direta a discursos e ideologias políticas que desonestamente alimentam velhos preconceitos espúrios sobre o povo judeu e o direito da autodeterminação de sua identidade.

Ainda que transite por inúmeros sistemas e discursos, a poética inaugurada por Seraphim Pietroforte não se perfaz camaleão estético ou, tampouco, ético. Embora ciente da dimensão incapturável dos discursos poéticos e de suas benfazejas relatividade e equidade, o poeta se reconhece também homem de seu tempo, a quem cabe tomar posições programáticas e ideológicas em relação à arte poética. O primeiro e penúltimo poema do livro, desse modo, cumprem explicitá-las. Artífice declaradamente maximalista, que renega o dogmatismo e vê no rearticular expansivo de si mesmas, de seus sistemas e de seus conteúdos o objetivo fundamental das artes, Pietroforte lança sua leitura do programa maximal e sua concepção de escritura em



Ode à Biblioteca: Em minha biblioteca não há traças / minha biblioteca não é catacumba / em que me recolho; distante da concepção deletéria avançada na literatura Contemporânea de suas fontes, representadas aqui pela figura da biblioteca e dos livros, como coatoras da liberdade criativa, ele lhes devolve seu aspecto alexandrino e helenístico, tendo-os como possibilitadores do convívio em júbilo com as vozes do passado, garantidores do jogo (emprega-se a palavra especialmente em seu sentido lúdico) poético e, por consequência, do adensamento e da expansão do sentido.

A ressignificação maximalista da poesia engajada não poderia dar-se por completa se não houvesse nela a total consciência da pequenez do poeta e de suas frágeis convicções em relação ao fenômeno pujante da existência das linguagens e dos demais sistemas simbólicos que constroem a realidade. O fado de todo humano, conforme ditado pela entropia, é, inevitavelmente, desaparecer; sua única alternativa de imortalidade é tornar-se mais um conjunto de ideias e conceitos impressos na rede de diálogos de sua tradição cultural; tornar-se obra e texto, portanto, cujos limites se definem pelos diálogos que estabelece e que opta por não estabelecer com os demais membros de sua comunidade. O poeta não conduz a humanidade messiamicamente a lugar algum, mas soma sua voz ao e se dilui no complexo simbólico que perfaz e enforma a consciência humana e seus modos ser no cosmo. É no ler a condição humana a partir desses termos que pede, em “Ode à corrosão da mente”, o penúltimo poema de seu livro, pelo distanciar-se de todo egoísmo e de todo dogmatismo na condução do fazer poético. *Senhor / (...) me leve dessa casa / (...) das canecas de café/ do trânsito dos túneis / (...) me leve da dialética.* Seraphim Pietroforte não se distancia destes e de outros temas e figuras da poesia brasileira Contemporânea engajada politicamente – no caso, o vício de descrever cenários e eventos cotidianos da vida urbana pequeno-burguesa ou de pautar-se religiosa e paradoxalmente pela lógica dialética – com o objetivo de censurá-los ou de indispor-se com seus representantes: ele busca, sobretudo, relativizá-los e evidenciá-los como alternativas possíveis de uma poética da pluralidade, em que os poetas, reconhecendo suas diferenças e a beleza inerente do diferenciar-se, poderão, enfim, celebrar e percorrer livremente os infinitos caminhos da linguagem.



Poesia Engajada com Alguma Coisa
é uma produção da série Polifemo
concebida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte,
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno

São Paulo, 2018